

FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

XXI

crise

Como nos estamos a adaptar aos tempos difíceis
Ana Tiborido e Ana Pinheiro

dívida

Como explicar o crescimento da dívida externa nacional desde 1996?
Ricardo Cabral

banca

Como os bancos ganharam e perderam o poder
Paulo Santos Guerreiro

portugueses

Dina Soares
António Pedro Ferreira

grécia

Superar o passado para enfrentar o futuro
Spyros Maniatis

europa

A invenção da Europa
José Teóforo

juizes

Juízes, liberdade de associação e sindicatos
Jorge Miranda

tribunais

A Justiça em 2011 não está melhor do que em 2010. Mas o verdadeiro drama é que não vai estar melhor nem em 2012 nem em 2013
Nuno Garçon

hospitais

Um novo modelo de gestão hospitalar
Albino Campos Fernandes

capitalismo

O shopping e a cidade
José Teóforo

criação

Crise, crença e criação
Jorge Cabalo

democracia

A democracia portuguesa no horizonte da despolíticação
Alexandre Franco de Sá

fim

O fim dos tempos
Joaquim Aguiar

eleições

Círculos uninominais: o Parlamento e o povo
Maria Filomena Mónica

escola

Até que ponto há liberdade na liberdade de escolha?
Paulo Galvão

islão

As transições políticas no Mundo Árabe
Elisabete Azevedo-Harman

números

População, Justiça, Educação, Saúde, I&D, PIB

TER OPINIÃO 2012

ANUAL
PREÇO: 5€ (CONT.)

Dias inquietos

XXI, Ter Opinião

Propriedade

Fundação Francisco
Manuel dos Santos
Rua Tierno Galván,
Torre 3, 9.º J
1070-274 Lisboa, Portugal
E-mail: ffms@ffms.pt
Tel.: 21 361 84 47

Editor

António Barreto

Director

José Manuel Fernandes

Conselho Editorial

André Azevedo Alves

Gonçalo Vieira

Joana Mateus

Jorge Barreto Xavier

José Tavares

Maria João Saraiva

Maria João Valente-Rosa

Miguel Monjardim

Paulo Guinote

Pedro Fita Barros

Produtora

Filipa Dias

Susana Norton

Direção de arte

Jorge Silva

Design e paginação

Miguel Batista/
Silvadesigners

Fotografia

Kameraphoto

Fotografia da capa

Kameraphoto

Infografia

Joaquim Guerreiro

Ilustração

Tiago Albuquerque

Revisão

Helena Galvão

Impressão

Lisgráfica - Impressão
e Artes Gráficas, S.A.
Rua Consiglieri Pedroso,
90, Queluz de Baixo,
2730-053 Barcarena
Tel: 214 345 400

Distribuição

VASP - Distribuidora
de Publicações SA
MLP - Quinta do Grajal,
Venda Seca
2739-511 Aguaiava-Cacém.
Tel: 214 337 000

Deposito legal

336164/11

XXI, Ter Opinião é uma publicação anual da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS).

XXI, Ter Opinião é uma publicação que se rege pelos mais elevados padrões de independência dos meios doutrinários, políticos, partidários, económicos, religiosos, profissionais e associativos.

XXI, Ter Opinião não perfilha uma ideologia específica, nem um programa partidário, sendo norteada pelos princípios da dignidade da pessoa humana e da solidariedade social e pelos valores da democracia, da liberdade, da igualdade de oportunidades, do mérito e do pluralismo. *XXI, Ter Opinião* insere-se nos objectivos da FFMS e procurará promover e aprofundar o debate sobre a sociedade portuguesa, procurando desse modo contribuir para o desenvolvimento da sociedade, o reforço dos direitos dos cidadãos e a melhoria das instituições públicas.

XXI, Ter Opinião acredita que a existência de uma opinião pública informada, empenhada e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta e que tal passa pela exposição descomprometida e aberta de ideias e propostas diferentes, contrastantes e originais, capazes de permitir que cada cidadão forme, em liberdade e com sentido crítico, as suas convicções.

XXI, Ter Opinião dirige-se a um público informado, de todos os meios sociais e de todas as profissões, privilegiando uma abordagem directa, profunda sem ser académica, atractiva sem ser sensacionalista. *XXI, Ter Opinião* estará atenta aos temas e aos debates que atravessam a sociedade portuguesa nesta era de globalização e procurará detectar novas tendências e novos protagonistas de um mundo em mudança.

O Anuário da Fundação

António Barreto

Durante uma reunião do Conselho de Curadores da Fundação Francisco Manuel dos Santos, um dos conselheiros teve uma expressão feliz para caracterizar uma das nossas missões: tentar mostrar o invisível. Era nesse sentido que a FFMS tinha iniciado vários projectos, entre os quais a Pordata e a colecção Ensaios da fundação. Além disso, umas dezenas de estudos sobre temas de interesse geral (saúde, educação, justiça, economia, desenvolvimento, opinião pública e outros) estão em curso e serão a seu tempo divulgados. A página da fundação (www.ffms.pt), conferências e documentários constituem outros meios de expressão e reflexão que têm como principal objectivo contribuir para a discussão pública sobre a nossa realidade. A todos estes, acrescentamos agora o *XXI, Ter Opinião*: uma publicação destinada a passar em revista, anualmente, grandes áreas e temas da sociedade. Convidámos, para seu director, José Manuel Fernandes, conhecido e experiente jornalista que iniciou as suas funções com entusiasmo. Terá, para isso, todo o apoio da fundação. A ele, juntar-se-ão numerosos analistas e estudiosos que aqui poderão, livremente e com fundamento, expor as suas ideias.

Em Portugal, há pouco debate público. Talvez se fale muito, mas discute-se pouco. À discussão, falta frequentemente a informação e o conhecimento necessários à formação de uma opinião livre. É esta convicção que está na origem desta iniciativa. Com este anuário, pretendemos atrair escritores e leitores, amantes da liberdade e crentes na necessidade de fundamentar as suas opiniões. E interessados em conhecer as opiniões dos outros. Um debate informado, um argumento claro, um conhecimento rigoroso, uma opinião livre e uma expressão clara: são os melhores condimentos da liberdade.

Como nos estamos a adaptar
aos tempos difíceis
Ana Taborda e Ana Pimentel

crise 08

Como explicar o crescimento
da dívida externa nacional
desde 1996?
Ricardo Cabral

dívida 24

Como os bancos ganharam
e perderam o poder
Pedro Santos Guerreiro

banca 32

*Dina Soares
António Pedro Ferreira*

portugueses 38

Superar o passado
para enfrentar
o futuro
Spyros Maniatis

grécia 52

A invenção da Europa
José Tavares

europa 56

Juízes, liberdade de
associação e sindicatos
Jorge Miranda

juízes 64

A Justiça em 2011 não está melhor do que
em 2010. Mas o verdadeiro drama é que não
vai estar melhor nem em 2012 nem em 2013
Nuno Garropa

tribunais 74

Um novo modelo
de gestão hospitalar
Adalberto Campos Fernandes

hospitais 80

O shopping
e a cidade
José Tavares

capitalismo 86

Crise, crença
e criação
Jorge Calado

criação 88

A democracia portuguesa
no horizonte da despolitização
Alexandre Franco de Sá

democracia 94

O fim dos tempos
Joaquim Aguiar

fim 104

Círculos uninominais: o Parlamento e o povo **104**

Maria Filomena Mónica

Até que ponto há liberdade na liberdade de escolha? **104**

Paulo Guinote

A polémica sobre o universo eleitoral português **132**

Paulo Machado

As artes e a cultura no fio da navalha **140**

Jorge Barreto Xavier

Chegámos ao mundo em que todos podemos ser autores **148**

José Afonso Furtado

As transições políticas no Mundo Árabe **156**

Elisabete Azevedo-Harman

A mudança climática: hipóteses científicas e as dúvidas por esclarecer **162**

Pedro M. A. Miranda

O ano em que a China apresentou a sua candidatura a superpotência **166**

Raquel Vaz-Pinto

Os melhores livros de 2010/2011: Literatura, Ensaio e Ciência **176**

Pedro Mexia, Pedro Lomba e Carlos Fiolhais

números **186**

População cresce mais devagar mas envelhece mais depressa

Os tribunais em situação de ruptura processual *Nuno Garoupa*

A educação em 2011: notícias boas e muito boas e notícias más e muito más *Carlos Fiolhais*

O sistema de Saúde português *José Mendes Ribeiro*

I&D: malabarismos estatísticos ou melhores estatísticas? *Maria João Valente Rosa*

Como se calcula o PIB *Carlos Coimbra*



2011-2012: Portugal tem emenda?

José Manuel Fernandes

Vamo-nos recordar de 2011. Como, ainda não sabemos. Mas dificilmente um ano com tantos eventos únicos poderá desaparecer facilmente dos que deixam marca no fio do tempo.

Logo em Janeiro os portugueses elegeram o Presidente da República. Ganhou, como se esperava, o Presidente em funções, Cavaco Silva. Mas ganhou com a menor votação de sempre: 2,2 milhões de votos, 52,9 por cento.

A abstenção ultrapassou os 50 por cento e alguns candidatos fora do sistema obtiveram resultados impressionantes. Na noite da vitória o vencedor não apareceu magnânimo, antes discursou de forma amarga, até azeda.

Mês e meio depois, no início de Março, o seu discurso de tomada de posse abriu uma sequência extraordinária de eventos. Muito crítico face ao rumo tomado pelo país nos últimos anos, mas certo no diagnóstico, deixou um sabor amargo na boca do então primeiro-ministro. Que não tardou a marcar distâncias: dois dias depois, José Sócrates anunciou um novo plano de austeridade, baptizado de PEC IV, de que nem falara ao Presidente. Era uma iniciativa desesperada para tentar evitar o inevitável: o pedido de ajuda à União Europeia e ao FMI, num quadro em que o país já estava, na prática, sem acesso aos mercados da dívida.

Essa semana não terminou sem outro evento notável. Em Lisboa, no Porto e em mais nove cidades portuguesas centenas de milhares de pessoas saíram às ruas em nome da "geração à rasca", a geração dos mais novos, entre os quais a taxa de desemprego quase duplica a média nacional. Desde os tempos da Revolução que não se via tanta gente na rua – e



desde o 1.º de Maio de 1974 que não se juntava gente vinda de tantos quadrantes políticos diferentes. Foi um “dia de raiva” vivido de forma especialmente pacífica, foi uma manifestação gigante que dispersou sem deixar estruturas orgânicas, foi um sinal de que fosse o que fosse que mudasse, alguma coisa tinha de mudar.

A mudança aconteceu três meses depois, em Junho, quando os portugueses deram ao PSD e ao CDS, em conjunto, a sua maior votação de sempre. E castigaram o PS de José Sócrates com a mais pesada derrota em mais de vinte anos. Antes já os destinos do país tinham, por assim dizer, mudado de mãos, acolhida que fora a ajuda externa e a chegada da troika. Após muitos anos de excessos, o destino próximo fora-nos expropriado pelos nossos credores. O “memorando de entendimento” era o programa eleitoral com que PS, PSD e CDS se apresentavam às eleições, e um programa mais detalhado e muito mais duro do que o habitual. Os eleitores referendaram-no e interiorizaram-no, o que ajuda a explicar a relativa bonomia com a sucessão de más notícias que culminaram num Orçamento para 2012 com medidas ainda mais draconianas.

Há, no país, uma sensação de fatalidade. Para muitos a percepção de que estavam a viver acima das suas possibilidades chegara mais cedo, apertados pela espiral das suas próprias dívidas e pela pressão de ter de poupar, pois haveria dias piores pela frente. Criados num país onde ninguém se interrogava sobre a origem dos dinheiros públicos, os portugueses descobriram como a carga fiscal se pode tornar insuportável. Onde antes se pedia sempre mais Estado, exige-se hoje mais contenção, mais rigor e mais transparência na utilização de cada tostão. Os portugueses tinham começado a mudar mesmo antes da mudança de ciclo político.

As coisas não estão a ser fáceis. Neste primeiro XXI, *Ter Opinião*, um anuário-que-não-é-um-anuário mas procura contribuir para uma reflexão informada sobre os grandes temas de cada ano, fomos à procura de saber como os portugueses estão a alterar os seus hábitos de consumo. Descobrimos, pela mão de Ana Taborda e Ana Pimentel, um país que há muito começou a poupar e que tenta viver de forma mais económica. Um país que olha com mais atenção para o preço